

CONSTRUÇÃO GEOGRÁFICA DO EXTREMO SUL DA BAHIA

Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto¹

¹ Prof. Dr. IFBA. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Leciona Geografia no IFBA Campus Porto. Email: cerqueiraneto.mg@gmail.com.

Artigo recebido em 02/03/2012 e aceito em 10/09/2012

RESUMO

A trajetória geográfica do Extremo Sul da Bahia mostra que os mapas internos do país, representados pelos estados, apresentam neste início de século uma grande mobilidade. Mobilidade da economia, da sociedade pelo espaço e da possibilidade da formação de outros mapas. O Extremo Sul Baiano, que originou da cisão da grande região Sul do Estado, construiu a sua autonomia se afastando da Bahia e aproximando do Sudeste. Para que a região chegasse até a sua configuração atual algumas variáveis foram fundamentais, como por exemplo, o fracasso do cacau na região, a atuação das madeireiras e a pecuária dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Esta parte da Bahia tem uma localização geográfica privilegiada para a dinâmica econômica regional e nacional; e seu movimento também pode ser entendido como parte da crise do federalismo existente no Brasil.

Palavras-chave: Extremo Sul da Bahia, Desenvolvimento Regional e Globalização.

CONSTRUCTION GEOGRAPHIC OF THE EXTREME SOUTH OF BAHIA

ABSTRACT

The geographic trajectory of the Extreme South of Bahia, shows that the internal maps of the country, represented by Member States, present at the beginning of this century a great mobility. Economic mobility, society for space and possibility of the formation of other maps. The extreme south of Bahia, which originated from the breakup of great southern state, built their autonomy away from Bahia and close to the Southeast. To reach the region until its current setting some variables were essential, as for example, the failure of cocoa in the region, the performance of timber and livestock in the States of Espírito Santo and Minas Gerais. This part of Bahia has a privileged geographic location for national and regional economic dynamics; and his movement can also be understood as part of the crisis of federalism in Brazil.

Keywords: Extreme South of Bahia, Regional development and globalization.

INTRODUÇÃO

O que apresento neste artigo é uma sequência histórica, mas através de um olhar geográfico, de alguns ciclos econômicos que influenciaram na organização do território do Extremo Sul,

como por exemplo, o cacau vai assumir um papel importante na dinâmica do estado, provocando uma divisão entre áreas produtoras, compradoras e exportadoras. Nessa trajetória de configuração do Extremo Sul da Bahia outras atividades

econômicas participaram como norteadoras da autonomia da região, tais como, a atuação das grandes madeireiras comandada pelos capixabas, e com a pecuária baseada no modelo mineiro. Desta forma, a grande região Sudeste faz dessa parte da Bahia uma área de prolongamento de suas atividades que podem ser constatadas desde a construção da Estrada de Ferro Bahia e Minas, até os mais recentes investimentos como as grandes empresas do eucalipto. A percepção atual, que tem um embasamento

Figura 01: Localização da área pesquisada



Fonte: CERQUEIRA NETO, 2009

Para descrever e interpretar essa trajetória procurei uma literatura que pudesse oferecer subsídios sobre etapas históricas pelas quais a região passou;

científico através da tese *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia*, é que o Extremo Sul da Bahia apresenta um cenário totalmente adverso do que se entende por Bahia.

O objetivo desse artigo é oferecer mais uma contribuição para se entender a trajetória geográfica do Extremo Sul da Bahia (figura 01), uma região reconhecida pelo seu conteúdo e valor histórico para o Brasil por ser um marco da chegada dos portugueses ao país.

tentei estabelecer parâmetros que pudessem direcionar ao entendimento das relações entre o Extremo Sul da Bahia e Salvador, onde fica a sede do governo, objetivando entender o papel do Estado na

região; discuti a influência do cacau como fator econômico e de cisão regional; diagnosticar a contribuição de Minas Gerais e Espírito Santo na formação econômica e social da região; e, listei elementos da globalização presentes nesta parte da Bahia. Esses procedimentos foram norteadores para a compreensão da região no seu formato atual, no que se refere a sua dimensão territorial, a divisão político-administrativa, sua dinâmica econômica; e consequentemente entender como ela saiu de um estágio de isolamento regional para uma inserção no mercado mundial.

ORIGEM DO TERRITÓRIO BAIANO

A utilização da abordagem histórica tem a função de descrever a formação da Bahia, enquanto Estado, com os seus contornos internos que deram origem aos municípios, as mesorregiões e as regiões econômicas, até se chegar à área de pesquisa, o Extremo Sul da Bahia. A divisão geográfica atual da Bahia, assim como de outros estados brasileiros, é fruto de um longo processo histórico de ordenamento administrativo do território do Brasil que tem sua base no período das Capitânicas Hereditárias.

Para se chegar até a demarcação territorial que estabelecesse os limites da Bahia também foram necessários muitos acordos, disputas jurídicas e revoltas,

tendo em vista que antes de existir a Bahia, existiam somente faixas de terras pertencentes a donatários, como descrito no quadro 01. Tavares (2001) diz que o território do Estado da Bahia foi originado da doação de cinco Capitânicas Hereditárias.

Essas faixas de terras, depois de unificadas, formaram o atual estado da Bahia. A base econômica dessas capitânicas era a produção de açúcar, porém, outras atividades econômicas contribuíram para a formação do território baiano, como a agricultura de subsistência e uma vigorosa exploração do pau-brasil (*Caesalpinia echinata Lam.*). Responsáveis pela interiorização, a pecuária e a exploração mineral são preponderantes para a consolidação da Bahia; junto com as atividades econômicas, a participação da sociedade, principalmente os movimentos organizados com ideais libertários, foi fundamental no processo da consolidação da Bahia.

Nesse processo destacamos os seguintes movimentos nativistas: a Federação dos Guanais em 1832; a Revolta dos Malês, contra o catolicismo e o regime escravocrata, durou de 25 a 27 de janeiro de 1835; e a Sabinada (liderada por Fernando Sabino Vieira), que aconteceu no período de 6 de setembro de 1837 a 16 de março de 1838, questionava a

centralização monárquica e o federalismo republicano; e a Guerra de Canudos, com caráter político-religioso, tendo a frente o

beato Antônio Conselheiro, durou de 1893 a 1897.

Quadro 01: Histórico das Capitânicas Hereditárias na Bahia

Data	Donatário	Nome da capitania
5 de abril de 1534	Francisco Pereira Coutinho	Bahia
27 de maio de 1534	Pero do Campo Tourinho	Porto Seguro
26 de julho de 1534	Jorge de Figueiredo Correia	Ilhéus
15 de março de 1558	Dom Antônio de Athayde	Ilha de Itaparica
29 de março de 1566	Álvaro da Costa	Paraguaçu ou Capitania do Recôncavo

Dados: Tavares, 2001.

Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G.,2007

Estes episódios fizeram da Bahia uma referência nas lutas por sua autonomia e do país, e podem ser entendidos como peças basilares na construção da organização do seu território, da história cultural, social e econômica permitindo que o estado adquirisse novos traçados. Hoje o estado baiano tem uma organização regional dividida da seguinte forma: as mesorregiões (Vale Sanfranciscano da Bahia, Extremo Oeste Baiano, Centro Norte Baiano, Nordeste Baiano, Centro Sul Baiano, Região Metropolitana de Salvador e o Sul Baiano), as regiões econômicas proposta pela SEI (na tabela 01) e a mais recente, no ano de 2007, a sua divisão por territórios de identidade (figura 02).

Mesmo com toda essa evolução dos mapas internos da Bahia há, ainda, questionamentos quanto à integração de suas regiões bem como a discussão sobre o sentimento de pertencimento. Um panorama normal se, se pensar na constância da dinâmica geográfica. De acordo com Freitas (2001, p.35) num determinado momento da história do estado “moradores de quase todas as áreas, de todos os sertões, passaram a não se sentir na Bahia, a dela não participar”. Uma das resultantes deste sentimento separatista, por exemplo, foi a proposta da criação dos estados de Santa Cruz e do São Francisco na década de 50. Este fato mostra que não foi e não está sendo fácil que a Bahia consiga manter suas regiões sob o seu controle administrativo.

Percebe-se que a revisão ou criação de novos mapas dos estados não é um pensamento recente; o que difere dos dias atuais é que naquela época a dimensão territorial não era sequer mencionada, mas, sim, a quebra ou o corte de uma rede que não vingou. Com relação a demarcação do território, Tavares (2001, p.358) diz que no período do Império não se estimulava “a definição territorial das províncias [que passou a ser] relevante na República em decorrência do regime federativo”. O sistema político-administrativo daquele momento histórico pensava em controlar todo o território dentro de uma concepção de unidade, entretanto, a dimensão e a diversidade de ambientes forçaram a adoção de um novo modelo administrativo.

Os fatos elencados anteriormente demonstram que a Bahia tentou evoluir no que se refere a administração do seu território. Silva e Silva (2003) apontam algumas medidas que demonstram esta preocupação, como a Reforma Administrativa de 1966 que criou 17 regiões, passando para 32 unidades em 1973 com o Projeto de Regionalização Administrativa. Uma outra regionalização, proposta pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI – dividiu o estado em 15 regiões econômicas. O Estado ainda promoveu

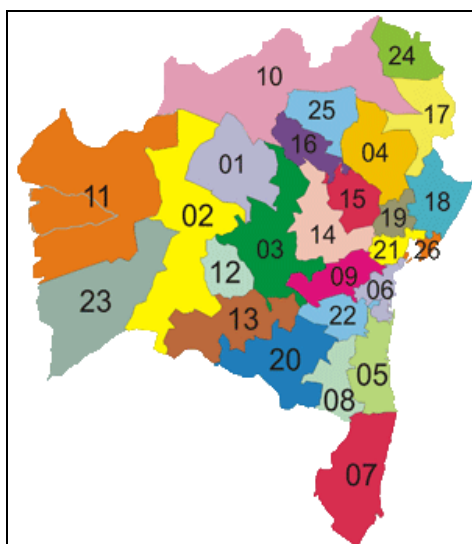
estudos para a Região Metropolitana de Salvador, Região Oeste, Extremo Sul, Chapada Diamantina e Litoral Norte. Entretanto, segundo os autores, o programa de desenvolvimento destas regiões “deixou a desejar, expressando a persistente falta de prioridade política para a questão regional” (SILVA e SILVA, 2003, p.80); deixando um campo aberto para questionar a capacidade do Estado em gerenciar um território com quase 567.000 km² repleto de diversidade física e humana.

DO SUL AO EXTREMO SUL: O PAPEL DO CACAU NESTA DIVISÃO

A ocupação da região, que teve início no século XVI, seguiu os padrões semelhantes aos empregados na fase inicial da colonização de todo o país, isto é, uma ocupação baseada na exploração de recursos naturais sem se preocupar com os vetores que dão estrutura a uma determinada sociedade, como a liberdade, a cultura, um projeto de desenvolvimento que encaminhasse para uma forma mais igualitária os que aqui viviam.

Assim, durante quatro séculos, introduziu-se na Região recursos materiais e humanos com o objetivo de retirar suas riquezas naturais. Nesse processo, grandes extensões de terra foram desmatadas e posteriormente ocupadas com agricultura e pecuária” (BAHIA, 1995, p.15).

Figura 02: Divisão do Estado da Bahia em territórios de identidade



Fonte: www.cultura.ba.gov.br: consultado em 2007.

Tabela 01: Regiões econômicas da Bahia

Regiões	Número de municípios
Região Metropolitana de Salvador	10
Litoral Norte	20
Recôncavo Sul	33
Litoral Sul	53
Extremo Sul	21
Nordeste	47
Paraguaçu	42
Sudoeste	39
Baixo Médio São Fco.	08
Piemonte da Diamantina	24
Irecê	19
Chapada Diamantina	33
Serra Geral	29
Médio São Francisco	16
Oeste	23
TOTAL	417

Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G, 2007.

A extração indiscriminada de madeira, para servir principalmente a Lisboa e a

Salvador, que se encontrava em franca expansão populacional, não foi a única

atividade de caráter exploratório. A grande região Sul da Bahia também será fornecedora de cana-de-açúcar; produto este que mais tarde sofreria uma grande queda de preços em decorrência da ampliação das *plantations* no Caribe. No seu papel de área fornecedora de produtos primários, a região se torna responsável pelo abastecimento de alimentos, como a farinha, milho e feijão, para o Recôncavo, bem como, para outras regiões.

Dentre todos os produtos agrícolas, citados anteriormente, o cacau terá uma influência decisiva com relação a uma nova configuração espacial da grande região Sul da Bahia, o que justifica uma contextualização mais aprofundada sobre a sua dinâmica; como farei a seguir.

A primeira região a produzir cacau no Brasil foi o Vale Amazônico, mas, é a partir 1890 que a sua produção assume um caráter exportador devido a sua grande procura no mercado mundial. A partir daí o cacau deixa a Amazônia para ser produzido em alta escala no Sul da Bahia, onde ele terá a sua maior relevância em termos de produção, pois a região possui condições edafoclimáticas, semelhantes ao ambiente de floresta equatorial da bacia amazônica, propícias à expansão do seu plantio. May e Rocha (1998, p.36) fazem o seguinte relato da chegada do cacau até a Bahia:

O cacau foi introduzido em meados do século XVIII no estado da Bahia, quando as primeiras sementes dessa fruta foram trazidas do Pará e plantadas nas matas úmidas costeiras. No início do século XIX, colonos deram início ao cultivo sistemático do cacau, implantando roças em áreas vizinhas a Ilhéus, de onde essa lavoura difundiu-se para outros municípios no Sul baiano.

Até chegar a marca de 90% da produção brasileira as lavouras da Bahia passaram por um longo período de afirmação que vai da metade do século XVIII (início de sua introdução no estado) até o começo do século XIX. No auge da sua produção o cacau foi responsável por 20% das rendas públicas no país no início do século XX; isso também significaria o grande poder político que os donos das grandes fazendas teriam na região e em todo o estado, pois, “direta ou indiretamente, quase toda a riqueza baiana e a vida dos habitantes repousará nos cacauais” (PRADO JÚNIOR, 1998, p.242). Porém, com as crises cíclicas do valor do cacau no mercado externo (a maior delas ocorrida no final da década de 80) e com a chegada do fungo *Crinipellis perniciosus*, causador da doença chamada de vassoura-de-bruxa.

Depois de sucessivos colapsos a partir da segunda metade do século XX a lavoura cacauzeira se firma e passa a dividir o

território da região Sul com a pecuária. A criação de gado vai ser intensificada mais ao Sul da região “onde foi mais intensa a agressão à Mata Atlântica” (BAHIA, 1995, p.16); com isso há uma cisão não havendo um prolongamento da cacauicultura partindo do polo Ilhéus-Itabuna para o Sul da região como projetado pelo governo baiano. E com o fortalecimento da pecuária tem-se a fragmentação da mesorregião Sul e o surgimento de uma região diferenciada, o Extremo Sul.

A opção do governo em favorecer o polo Ilhéus-Itabuna pode ser refletida através da seguinte forma: uma estratégia do Estado em realizar o desenvolvimento de uma região que era de extrema importância para a sua economia e que tinha uma definição econômica e política; ao contrário do Extremo Sul que neste sentido era amorfa. Um indicativo que revela a falta de uma política de integração regional dentro da grande Região Sul do estado (CERQUEIRA NETO, 2009). Diante deste panorama pode-se concluir que o cacau foi o principal vetor que deu início a divisão da macrorregião Sul em duas. Uma divisão inevitável em função de diversas condicionantes que norteiam a dinâmica do Estado em administrar suas regiões, provocando, inclusive, uma concorrência desleal.

AS GRANDES MADEIREIRAS NO EXTREMO SUL BAIANO

O escopo desse tópico é discorrer sobre a contribuição da atividade madeireira como uma das variáveis no processo de construção dos lugares no Extremo Sul da Bahia. A exploração da vegetação nativa na região pode ser dividida em dois tipos: o primeiro caracterizado pela rusticidade e o segundo pautado numa incrementação do processo. Na primeira fase do extrativismo vegetal “os madeireiros ainda utilizavam técnicas rudimentares que, associadas às dificuldades de transporte, se constituíram elementos inibidores da destruição da Mata Atlântica” (BAHIA, 1994, p.17). Além do desmatamento esta fase também pode ser considerada como importante para a construção de núcleos urbanos.

Na metade do século XX chegam não região os grandes grupos madeireiros que vão realizar o desmatamento através de técnicas sofisticadas, utilizando de máquinas potentes tanto no campo como na sua estrutura logística para atender, mormente, o mercado externo. Machado (2000, p.27) diz que esta atividade se caracterizava pela “exploração intensiva dos recursos naturais, sobretudo a originária Mata Atlântica, na primeira fase do capital destrutivo (o madeireiro-extrativista)”. Essas grandes empresas

montaram seus parques industriais e toda sua infraestrutura em cidades localizadas nas margens da BR 101.

A espoliação da vegetação nativa da região com fins comerciais, inclusive com transações internacionais, foi capitaneada por duas grandes madeireiras: a empresa Brasil Holanda S.A. (BRALANDA), com uma sociedade formada por capital brasileiro e holandês, e da Cia. Itamaraju Agroindustrial. Juntas elas influenciaram na economia, na sociedade, na política e no meio natural, tudo dentro de uma dialética, pois ao mesmo tempo em que desmatava também construía.

Em todas as atividades que o homem exerce há um período de transição onde há a passagem de meios de produção mais rústicos para um nível mais desenvolvido tecnologicamente. No processo de exploração de madeiras nativas também ocorreu esta transição com a substituição do machado para cortar as árvores, as picadas por onde as toras eram arrastadas por animais e homens para uma fase de exploração mecanizada que acelerou o processo de desmatamento em grandes áreas do Extremo Sul da Bahia. Faz-se necessário também identificar a passagem de uma transformação de um ambiente natural com fins de construção de lugares e aquela exploração eminentemente predatória, pois “ao tratarmos os dois tipos de desmatamento num mesmo nível, pode-

se cometer injustiça com os verdadeiros responsáveis pela construção [dos lugares] e de sua história” (CERQUEIRA NETO, 2001, p.92).

Este processo de modificação do ambiente natural para um estágio de culturalização dos lugares é parte de uma evolução, quase que natural presente na história da urbanização brasileira.

A pecuária: uma contribuição mineira

Na história do processo de interiorização do Brasil a pecuária tem um papel de relevo a partir do momento em que a lavoura açucareira começa a sofrer com os decréscimos da sua produção e do seu valor no mercado externo. Ao lado da cacauicultura e do extrativismo vegetal, a pecuária forma o tripé das atividades mais remotas que contribuíram para a formação da região. No Extremo Sul da Bahia a pecuária seguiu o mesmo percurso traçado pelas grandes madeireiras, entrando pela parte Sul da região através das fronteiras com os estados do Espírito Santo e, principalmente, Minas Gerais onde os pecuaristas são conhecedores tradicionais neste tipo de atividade. O amineiramento da região através da pecuária pode ser percebido em Machado (2000, p.31) quando ele relata a entrada dos mineiros na Bahia tendo com via o Vale do Mucuri.

A pecuarização é impulsionada pelos mineiros. As terras valorizam-se (...) e a pecuarização da região caracteriza o

processo de ocupação do povoamento e interiorização regionais, que resultam novos centros urbanos interioranos como Eunápolis, Teixeira de Freitas, Itabela e Itamaraju.

Numa comparação que envolve números de produção entre a pecuária e outras criações (tabela 02), percebe-se que esta atividade é a que possui os maiores resultados, podendo influenciar substancialmente na economia e na política das localidades que a tem como principal vetor de desenvolvimento.

Tabela 02. Criação de animais no Extremo Sul da Bahia em 2006

Tipo de Animal	Números em cabeças
Asininos	14.960
Bovinos	1.777.212
Bubalinos	4.562
Caprinos	9.172
Equinos	47.487
Galinhas	297.346
Galos, frangos, frangas e pintos	327.560
Muare	23.908
Ovinos	18.331
Suínos	86.017

Dados: SEI, 2008.

Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G, 2008.

Quando a pecuária passa a ser a principal atividade econômica há também a transição de poder, os fazendeiros vão mandar na política, se tornam referências econômicas e estabelecem de maneira, por

vezes agressiva, as relações com a sociedade. Enquanto a pecuária dominou a economia havia concomitantemente um modelo político muito questionado, o coronelismo. Neste contexto, os chamados coronéis do gado passam a dominar a economia bem como controlar a vida política da região. Alguns foram à falência, mas grande parte ainda estendeu sua influência até os dias atuais, fato que pode ser constatado quando se observa que grande parte dos políticos, principalmente nos municípios menores, estão ligados, de alguma forma, ao setor rural tradicional.

Para alguns historiadores a inserção da pecuária na região se dá na segunda metade do século XX, feita de modo extensivo, facilitada pelo trabalho de “limpeza das áreas” realizado pelas madeireiras. São nessas áreas, herdadas do desmatamento, que nascem os grandes latifúndios do gado, bem como resultam “na criação, nos anos 50, dos municípios de Itanhém e Medeiros Neto [localizados no Extremo Sul da Bahia], promovida por criadores oriundos, sobretudo, do planalto de Conquista, da Região de Itapetinga e do Nordeste de Minas Gerais” (BAHIA, 1994, p.17). A pecuária será decisiva para o crescimento econômico urbano do Extremo Sul Baiano, mas, retardará a expansão urbana, pois os grandes latifúndios são empecilhos para o aparecimento de bairros. Com a falência da

pecuária coronelística as cidades aumentam sua área urbana, antigas fazendas foram transformadas em loteamentos ou se tornaram florestas plantadas de eucalipto.

INFLUÊNCIA DO SUDESTE NA CONFIGURAÇÃO DO EXTREMO SUL

As evidências históricas e atuais dão sustentação para afirmar que a urbanização e a consolidação regional do Extremo Sul baiano se deram, principalmente, por influência das atividades econômicas originadas do Sudeste brasileiro. Neste tópico foi elaborado um rol das atividades que foram decisivas para a ocupação da região. De acordo com Machado (2000, p.27),

nas três fases recentes de sua história, a região foi ocupada sob impulso de capitais provenientes principalmente do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo – capital madeireiro, os empreendimentos de café e mamão e o capital industrial (início da implantação de maciços florestais de eucalipto pela Companhia Vale do Rio Doce).

Mais uma vez a atividade madeireira é a primeira a abrir esta nova fronteira que transformaria o Extremo Sul da Bahia numa ponte por onde vão transitar pessoas,

mercadorias e empresas do Sudeste para o Nordeste e vice-versa.

Se no período do cacau o Extremo Sul foi considerado uma região periférica em relação ao polo Ilhéus-Itabuna e a Salvador, nos dias atuais ela conseguiu encontrar outros caminhos e estabeleceu uma relação de trocas com mais equidade com a cidade “de Vitória/Espírito Santo, com quem mantém, recentemente, crescentes relações. Expande-se também o intercâmbio, embora em menor escala, com o Nordeste de Minas Gerais” (SILVA, 2001, p.58). Um outro fato que comprova a estreita relação entre esta região da Bahia com o Sudeste do Brasil é relatado por Nunes (2002, p.87):

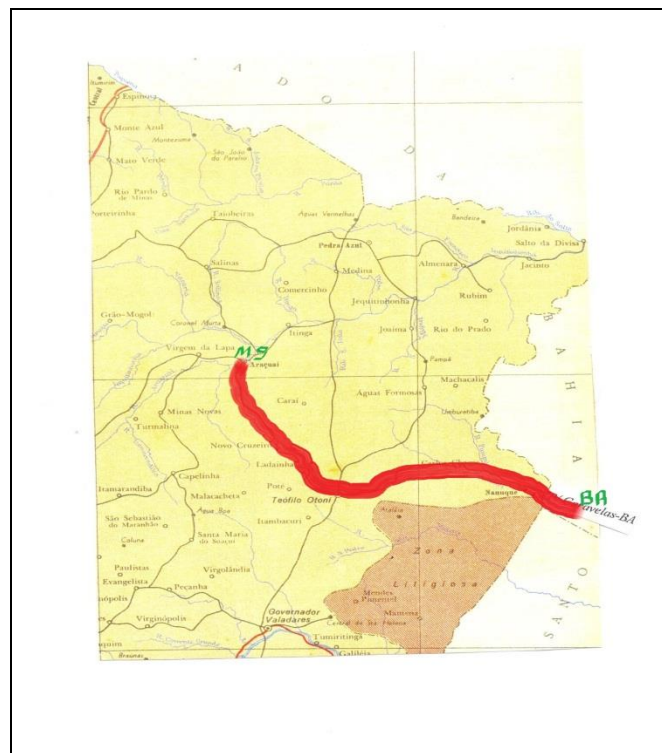
Apesar do cultivo do café ter assumido, em determinados momentos, algum significado, esta região mantinha pouca ligação com o Porto de Salvador, desenvolvendo seu comércio mais ativo com o porto do Rio de Janeiro e, dedicava-se à tarefa de abastecimento e escoamento das comarcas do Nordeste de Minas Gerais, utilizando-se dos cursos dos Rios Jequitinhonha e Mucuri.

Com a evolução dos meios e das vias de transportes, a estrada férrea dará prosseguimento em mais um capítulo da relação histórica do Extremo Sul da Bahia com o Sudeste. A construção da Estrada de Ferro Bahia-Minas (figura 03), chamada também de Baiminas, iniciada em 1881,

talvez tenha significado o projeto mais antigo e concreto com a função de unir o Sudeste ao Nordeste. A ferrovia Bahia-Minas começava na cidade de Araçuaí (Nordeste Mineiro) e tinha o seu ponto final em Caravelas, mais precisamente em Ponta de Areia (Extremo Sul Baiano) era um belo projeto de integração regional, pois tentava ligar Minas Gerais a Vitória

(ES), o que não aconteceu. Esta estrada de ferro teve sua importância geográfica para os estados de Minas Gerais e Bahia, tendo em vista que ela foi preponderante para o aparecimento de sítios urbanos ao longo de suas margens. Também servia como parte fundamental da logística das grandes madeireiras que a utilizavam para escoar sua produção.

Figura 03: Traçado da Estrada de Ferro Bahia-Minas / EFBM



Fonte: Atlas Geográfico Melhoramentos (1962): In: CERQUEIRA NETO, 2001

A EFBM foi sendo preterida até ser substituída pelas estradas de rodagem; suas antigas estações, em algumas cidades, estão restauradas e preservadas funcionando como museus, bibliotecas,

etc., e em outras localidades são apenas ruínas.

Com a desativação total da EFBM (que foi substituída pela BR 418), em 1966, há um deslocamento da atividade madeireira com mais intensidade no trecho da construção da BR-101. Praticamente

margeando o litoral este novo vetor de integração entre as regiões segue um trajeto diferente da EFBM, numa posição geográfica mais privilegiada, tendo em vista, a proximidade com os portos e a partir deles a facilidade para exportar as madeiras para o mercado externo.

Um outro ponto importante que influenciou no afastamento do Extremo Sul da Bahia com outras regiões do estado e com outros estados, relacionado com a Bahia-Minas, foi que com a sua interrupção, que começa na cidade de Caravelas, “novamente a cidade de Itabuna é beneficiada, passando a experimentar um crescimento ainda maior” (SILVA, 2001, p.65). Assim, o Extremo Sul perde mais uma opção de mobilidade espacial e conseqüentemente dificulta o desenvolvimento dos seus lugares.

Outras duas atividades, mais recentes, que fazem parte da história da consolidação do Extremo Sul da Bahia são: a cultura do mamão e o ciclo da celulose; a primeira teve o seu auge no fim da década de oitenta pelas mãos de japoneses que migraram para a região. E a segunda “é decorrente das políticas públicas de incentivo fiscal para o reflorestamento” (BAHIA, 1994, p.17), aproveitando também os hiatos deixados pelo desmatamento desde o começo da colonização da região.

E por fim, a que se destacar o crescimento do setor turístico na região que teve uma transformação no que diz respeito a sua profissionalização. De acordo com Silva (2001, p.65) “o turismo cresce em todo o Extremo Sul, aproveitando os recursos cênicos e culturais, particularmente em Porto Seguro”, o que tem atraído investidores dos setores: hoteleiro, gastronômico, e imobiliário, por exemplo. Grande parte desses investidores continua sendo oriunda do Sudeste, mas, também nota-se uma expressiva massa de empreendedores do Centro-Oeste (principalmente goianos e brasilienses) que estão investindo em pousadas nos municípios da Costa das Baleias.

UMA CONSTANTE COLONIZAÇÃO

O primeiro período da colonização da região do Extremo Sul está vinculado diretamente com a colonização do país, se considerar que a maioria dos historiadores que debruça sobre a chegada dos portugueses ao Brasil no ano de 1500 cita Porto Seguro como referência desse processo.

Este período é marcado por uma relação de subordinação do Brasil em relação a Portugal, onde cabia a metrópole a responsabilidade pela “apropriação de meios naturais, transformação de tais

meios numa segunda natureza, apropriação destes meios naturais transformados, produção de formas espaciais, e apropriação do espaço produzido” (MORAES, 2002, p.89). Este modo de administrar, através da apropriação de tudo e de todos, vai permanecer por um longo período em vários lugares do Brasil, em diferentes regiões.

As dinâmicas demográficas e econômicas do Extremo Sul acontecem desde o século XVI passando por períodos de dilatação e contração, com uma ocupação caracterizada “pelo estabelecimento, na costa, de entrepostos comerciais, para o resgate dos produtos extraídos do continente, em especial, o pau-brasil e outras madeiras nobres, com o objetivo de enviá-los para Portugal” (BAHIA, 1994, p.15). Este tipo de colonização com caráter espoliatório do ambiente natural permaneceu durante muito tempo, seja através da exploração vegetal, da exploração intensa da mão-de-obra escrava ou a adoção de políticas coronelísticas, pode ter contribuído decisivamente para que o desenvolvimento no Extremo Sul da Bahia fosse retardado.

A história econômica da região mostra que esta parte da Bahia sempre foi utilizada como produtora de suprimentos, no início da colonização com o fornecimento de madeira para Portugal e depois outros produtos como o açúcar para

outras regiões do estado bem como para Salvador. De acordo com Machado (2000, p.29),

a região permaneceu atrelada marginalmente ao capitalismo, em consolidação, enquanto supridora de madeira, alimentos (mandioca, arroz, milho e feijão) para o Recôncavo e outras regiões e açúcar (...) durante o regime das capitanias hereditárias, e de entreposto comercial. Esse foi o papel da região durante o sistema colonial até o início do século atual.

Portanto, se o Brasil, no período colonial, representou para Portugal uma área valiosa em oferta de produtos primários, pode-se dizer que o Estado baiano dispensou tratamento semelhante ao seu Extremo Sul, inclusive quando tentou fazer da região uma área produtora de cacau para atender aos seus interesses econômicos desprezando as peculiaridades sociais e ambientais desta região.

Este tipo de administração territorial se encaixa com o pensamento que Moraes (2002, p.69-70) elaborou a despeito das colônias: “são figuras de uma territorialidade moderna, que tem por pressuposto uma consolidação estatal nos centros metropolitanos”. O Extremo Sul da Bahia, no passado, foi uma área destinada à exploração do seu ambiente e porque não dizer do povo que nela vivia, observe por que: para cá vieram pessoas com baixo

nível de formação escolar para trabalhar em fazendas regidas pelas leis dos coronéis; os índios perderam parte do seu território e hoje servem de atrativo turístico; e, os negros ainda segregados em pequenos distritos, chamados de remanescentes de quilombos, mas que são verdadeiras senzalas a céu aberto devido ao isolamento proporcionado pela falta de políticas públicas que os integrem de maneira digna com as sociedades urbanas. Panorama semelhante ao do Brasil no início da sua colonização.

A Bahia é o quinto maior estado em área territorial, e por isso, pode-se pensar que seria inevitável que algumas regiões recebessem uma maior atenção num determinado período político e econômico. Entretanto, a deficiência nos planos de integração tende a fragilizar determinadas áreas, que ficam mais suscetíveis a atuação dos elementos exógenos, isto é, sem participação efetiva da sociedade local. No caso do Extremo Sul isto pode ter facilitado para que o Sudeste enxergasse nesta parte do território baiano um campo fértil para expandir suas atividades econômicas; esse cenário favorecerá a migração, do que vou chamar aqui de sudestinos, moradores do Sudeste que vêm buscar uma possibilidade de sucesso financeiro no nordeste.

A partir da década de 1980 parece o Extremo Sul começa a viver o seu segundo

ciclo de colonização. Uma colonização que acontece não só sob a influência do Espírito Santo e Minas Gerais, mas agora recebendo investimentos de outras partes do Brasil e do exterior nos diversos segmentos da economia e em diferentes níveis da educação escolar com a participação da iniciativa privada e pública. Esta neo-colonização na região tem uma diferença básica da primeira, pois é pautada por uma expectativa de maior oferta de trabalho, possibilidades de investimentos, de empreender, introdução de instituições de ensino médio, técnico e superior. Enfim, uma nova oportunidade para realizações pessoais.

Contudo, em alguns lugares da região ainda há resquícios de uma política do passado, onde a mudança talvez seja percebida somente no visual dos novos coronéis que hoje se vestem de grifes urbanas (carros importados, roupas de marca, mais preocupados com a estética corporal). A continuidade das formas de pressionar a sociedade mais carente não é feita mais através do chicote, mas, da negação da infraestrutura básica para se viver. Mas, ao mesmo tempo a esperança de mudança estar justamente nessa profusão de pessoas que estão vindo morar na região que força naturalmente uma nova postura daqueles que comandam os destinos dos municípios. Há também que se pensar que a política tradicional da

região está sendo substituída de forma implícita pela influência das grandes empresas que estão se instalando nela.

Porém, apesar de apresentar novas variáveis, esta colonização não está isenta de questionamentos, pois a modernidade não traz somente agentes benéficos. Tendo o Extremo Sul se tornado um espaço luminoso, há que se ter o entendimento de que ele está mais suscetível “de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (SANTOS e SILVEIRA, 2005, p.264). Esta dinâmica histórica sobre as configurações territoriais baseada em contradições se mostra longe de um término, ao contrário, ela ainda tende a permanecer nas discussões acadêmicas se tornando objeto de pesquisa, onde sempre serão apresentados novos atores.

CONCLUSÃO

É importante lembrar que apesar de ter sido traçada aqui uma seqüência da evolução econômica e territorial da Bahia passando antes por sua formação e depois contextualizando a mesorregião Sul, são os municípios localizados no Extremo Sul que guardam registros históricos mais remotos dessa história, seja em documentos escritos, na oralidade das comunidades ou no que restou do conjunto arquitetônico. Percebe-se que há uma

carência de dados na história da região do Extremo Sul Baiano, o que dificulta construir uma ponte no que tange a ocupação do seu território tendo como ponto de partida Porto Seguro (chegada dos colonizadores) e a difusão do povoamento e da implantação das atividades econômicas do período colonial que vão dá origem aos diversos lugares. A história está dispersa pelos lugares, não havendo uma seqüência lógica da ocupação, dando a impressão que não se teve um ponto de partida. O que está estabelecido é que antes do Brasil ser dividido em Capitânicas Hereditárias já existiam na região alguns núcleos de povoamento, provavelmente os primeiros do Extremo Sul Baiano.

A região do Extremo Sul da Bahia sempre se destacou por dois motivos: o primeiro é quanto a sua participação no contexto histórico relatado em livros que a apontam como o berço da colonização do país, mais especificamente os municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. O segundo motivo é o que liga a região a um dos destinos turísticos mais procurados no Brasil, principalmente pela beleza cênica do seu litoral. Contudo, estes aspectos relevantes não vão garantir o *status* de região estratégica, ficando a margem dos grandes projetos de desenvolvimento pensados pelo Estado.

Então, vai ser a partir da abertura de estradas, da exploração das matas e o avanço da pecuária que a região se tornaria uma área aberta, não só para receber migrantes de várias partes do país, mas, também os mais diversos tipos de projetos econômicos, causando, assim, profundas modificações no espaço físico e na sociedade.

A divisão da região Sul da Bahia em duas, provocou uma espécie de “independência induzida” que forçou o Extremo Sul a buscar uma identidade própria, o que pode ter contribuído para que houvesse um distanciamento econômico, social, cultural e político do restante da Bahia, causando uma impressão de que sua população estaria vivendo noutra unidade federal. Mas, isto pode ser visto também como um acontecimento natural em função de uma maior mobilidade adquirida pela população, principalmente nas últimas décadas do século passado.

Não há dúvidas de que nos tempos áureos do cacau o Extremo Sul representou um projeto de expansão da lavoura cacaueteira, um desses indícios está no número significativo de escritórios da CEPLAC espalhados na região. E, ainda que este órgão, atualmente, assuma outras atividades de extensão rural, como, por exemplo, a diversificação de culturas, ele foi criado (em 1957) originalmente para

atender o plantio do fruto mais importante para a economia baiana. Porém, a região foi tratada como periferia no seu sentido mais pejorativo, não participando dos projetos de integração da zona cacaueteira, ficando a margem dos investimentos concentrados no entorno do pólo Ilhéus-Itabuna.

No Extremo Sul o cacau não atingiu uma produção que fosse suficiente para ser relevante na economia e muito menos fixar o homem do campo na região. No momento em que isso acontece há uma fratura que abre caminho para o surgimento de uma outra região dentro da grande Sul da Bahia. A história da região mostrou que são os madeireiros capixabas e pecuaristas mineiros foram os principais atores quem modificaram e construíram a paisagem do Extremo Sul, tanto no meio rural quanto no urbano.

Nos dias atuais o Sudeste continua a ser o principal investidor na região, através das grandes empresas do eucalipto, do turismo, fábricas de sapato e de material esportivo, instituições de ensino superior e escolas de ensino médio e fundamental. Assim, o território do Extremo Sul da Bahia continua no seu processo de organização e reorganização em busca de uma identidade; e sua dinâmica neste início de século é também parte da crise do federalismo pela qual o Brasil está vivenciando, através, principalmente, de

várias proposições de redivisão do território nacional.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR (BA). Sul da Bahia: perfil regional. Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável – PDRS. Salvador, 1995. (Série Cadernos CAR, 7).

BAHIA. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR (BA). Política de desenvolvimento para o extremo sul da Bahia. Salvador, 1994. (Série Cadernos CAR, 3).

CERQUEIRA NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de. Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009.

CERQUEIRA NETO. Sebastião P.G. Contribuição ao estudo geográfico do município de Nanuque – MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia – MG, 2001.

FREITAS, Antônio F.G. Eu vou para a Bahia: a construção da regionalidade contemporânea. Revista Análise & Dados. Salvador, SEI, v.9, n°4, p.24-37. março, 2001.

MACHADO, Gustavo B. Tendências e contradições na formação regional do Extremo Sul da Bahia entre 1950 – 2000. Dissertação (mestrado em economia). UFBA/BA. Salvador. 2000.

MAY, Peter H.; ROCHA, Rui B. O sistema agrossilvicultural do cacau-cabruca. In: LOPES, Inez V. (et. al).

Gestão ambiental no Brasil: experiências e sucesso. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

MORAES, Antônio C. Robert. Território e história no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2002.

NUNES, Eduardo J. F. Ordenação do território e desenvolvimento regional sustentável no Extremo Sul da Bahia 1960 – 2000. Tese (doutorado em geografia). Universidade de Barcelona. Barcelona (ESP.), 2002.

PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. 45ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SILVA, Sylvio C.B.M.; SILVA, Barbara-Christine N. Estudos sobre globalização, território e Bahia. Salvador: UFBA, 2003.

SILVA, Sylvio B. M. Formação de uma região dinâmica: o exemplo do Extremo Sul da Bahia. in: BENEDICTO, J.L.L.; SPINOLA, N.D. (coord.) Desarrollo Regional. Barcelona (Espanha): Xarxa Temàtica MEDAMERICA, 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia. São Paulo: Editora UNESP: Salvador: EDUFBA, 2001.